Parte 3 - Pesquisa qualitativa: aplicações nos estudos urbanos

Violência urbana em Uberlândia/MG: uma pesquisa a partir do discurso dos moradores

Márcia Andréia Ferreira Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, M.A.F. Violência urbana em Uberlândia/MG: uma pesquisa a partir do discurso dos moradores. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 327-359. ISBN 978-85-7511-443-8. <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0020>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Violência urbana em Uberlândia/MG: uma pesquisa a partir do discurso dos moradores

Márcia Andréia Ferreira Santos

Este texto discute a violência urbana em Uberlândia, município de Minas Gerais, com enfoque no discurso dos moradores. A pesquisa é constituinte da tese de doutoramento *Criminalidade violenta e contradições socioespaciais na cidade de Uberlândia/MG*, defendida em abril de 2012 junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Com o intuito de investigar a ocorrência da violência na cidade de Uberlândia, levantaram-se alguns questionamentos que pudessem direcionar o estudo, dentre eles: a) a visão dos moradores acerca da violência e da segurança no local; b) até que ponto as condições socioespaciais dos bairros mais violentos favorecem a ocorrência de crimes violentos; e c) quais medidas de segurança estão sendo tomadas para diminuir a incidência desses crimes na cidade. Para responder a tais questionamentos, realizou-se um procedimento metodológico baseado na coleta de informações entre os moradores de 35 bairros de Uberlândia. A amostra constituiu-se de setenta sujeitos, entrevistados no período de janeiro a junho de 2010.

Breves considerações sobre a violência

O sociólogo francês Michaud concluiu, a partir de seus estudos sobre a violência, que “não há discurso nem saber universal sobre a violência: cada sociedade está às voltas com sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios

problemas com maior ou menor êxito” (1989, p. 14). Misse, por sua vez, destaca que o emprego da palavra violência vem ganhando novos significados, apesar de seu uso original ainda permanecer. Retomando seu significado em diversas línguas, o autor percebeu que em algumas delas aparecem arraigadas ao sentido palavras como *poder*, *dominação* e *força*, o que serve para demonstrar ainda mais o vigor existente na essência de seu conteúdo semântico:

A palavra portuguesa violência (como também em outras línguas latinas e até no inglês) vem do latim *violentia*, que significava a força que se usa contra o direito e a lei. Violento (*violentus*) é quem agia com força impetuosa, excessiva, exagerada. O emprego retórico da palavra passou a lhe conferir significados cada vez mais largos: a violência dos ventos, a violência das paixões, a violência da expressão. E não é senão por violência da expressão primitiva que o termo passou a significar qualquer ruptura da ordem ou qualquer emprego de meios para impor uma ordem. Em alemão, a palavra *gewalt* significa ao mesmo tempo poder (no sentido da origem do direito) e violência (no sentido de força imposta). Nas línguas latinas, a mesma ambiguidade permeia o emprego de palavras como poder e dominação, que só alcançam superar plenamente seu duplo sentido quando transformadas em autoridade. O que faz a diferença, aqui como em qualquer outra língua, é o quanto de legitimidade (isto é, de anuência ou concordância da parte de quem se encontra sob o poder e a dominação, neste caso sob a autoridade) se confere ao uso do poder e da violência. A violência, assim, significa o emprego da força ou da dominação sem legitimidade, isto é, na impossibilidade do conflito e da resistência (2003, p. 1).

Conforme Minayo, o que domina a consciência contemporânea é a violência criminal e delinquencial, que “nunca teve a tolerância social, uma vez que ela fere, antes de tudo, a moral fundamental de todas as culturas” (2005, p. 12). Além disso, a autora ressalta que,

em seu sentido material, o termo parece neutro, mas quem analisa os eventos violentos descobrem que eles se referem a conflitos de autoridade, a lutas pelo poder e à busca de domínio e aniquilamento do outro, e que suas manifestações são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas, segundo normas sociais mantidas por aparatos legais da sociedade ou por usos e costumes neutralizados (2003, p. 25).

Morais (1990) sublinha que há uma violência criminosa, passível de punição, e uma violência que só é crime numa linguagem conotativa. Conforme Francisco Filho (2004), essa violência foi assimilada pela rotina diária dos indivíduos e incorporada de tal forma que não é visada pelos códigos penais. Contribuem para isso os eufemismos

criados pela sociedade e impulsionados pela mídia, que tentam amenizar os atos de violência por meio de termos que suavizam ou aprofundam o sentido do que é aceito ou não. Tais elementos banalizam o sentido da violência e do crime, transformando atos outrora odiosos e pesados aos olhos em fatos “aceitáveis” pela sociedade (Francisco Filho, 2004).

Numa visão política sobre a violência, Arendt (1985, p. 23) destaca o poder como o elemento fundamental e predominante em sua essência. Ela afirma que o poder, a força, a autoridade e a violência constituem-se na arma utilizada pelo homem para governar e subordinar seus semelhantes. Apesar de o poder e a violência serem fenômenos distintos, sua manifestação é simultânea: o poder subjuga e domina e, quando impera num ato de violência, anula os questionamentos, levando à obediência. Obediência esta com a qual “pode contar qualquer criminoso ao arrebatá-lo a carteira com a ajuda de uma faca ou assaltar um banco com a ajuda de um revólver” (p. 22).

De acordo com Minayo (2003), somente a partir de 1990 a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) iniciaram debates sobre o tema “violência”. Isso se deu com a verificação da transição epidemiológica percebida nos países da América Latina, onde se observou um aumento de mortes e morbidades violentas, provocadas, principalmente, por homicídios e acidentes de trânsito, o que suscitou a necessidade de se discutirem questões voltadas à prevenção e à reabilitação das vítimas. Com vistas ao estudo aprofundado desse fenômeno, a OMS propôs uma ampla definição para os eventos que constituem a violência, englobando nela aspectos referentes à intencionalidade da ação e ao uso de poder e/ou da força física em sua prática. Violência, portanto, constitui-se no

uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug et al., 2002, p. 5).

Para Krug et al. (2002), a inclusão da palavra “poder” e da expressão “uso da força física” amplia a natureza de um ato violento e expande a definição de violência, inserindo nela atos que resultam de uma relação de poder, como ameaças e intimidações. Além disso, a expressão “uso do poder” serve para incluir não só a negligência e/ou os atos de omissão e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, como também o suicídio e outros atos de autoabuso. Os autores acrescentam que essa definição de violência cobre uma diversidade de consequências psicológicas, de privação e deficiência de desenvolvimento:

Ela reflete um reconhecimento cada vez maior por parte dos pesquisadores e profissionais acerca da necessidade de incluir a violência que não resulta necessariamente em lesões ou morte, mas que, contudo, oprime as pessoas, as famílias, as comunidades e os sistemas de assistência à saúde no mundo todo. Muitas formas de violência contra mulheres, crianças e idosos, por exemplo, podem resultar em problemas físicos, psicológicos e sociais que não necessariamente levam a lesões, invalidez ou morte. Essas consequências podem ser imediatas, bem como latentes, e podem perdurar por anos após o abuso inicial. Portanto, definir os resultados somente em termos de lesões ou mortes limita a compreensão da totalidade do impacto da violência sobre as pessoas, as comunidades e a sociedade como um todo (p. 5).

Em todas as suas acepções, a violência restringe a liberdade de ação daquele que se encontra sob seu domínio. Romper com essa estrutura deve ser o principal objetivo das diferentes áreas diretamente envolvidas com tais questões. Complexidade também é um elemento intrínseco à violência; portanto, pensar nesse fenômeno é pensar em várias causas e consequências e, nesse caso, em intervenções multiprofissionais.

A pesquisa qualitativa como suporte para a compreensão da violência

Essa pesquisa fundamentou-se em entrevistas realizadas com os moradores de Uberlândia, mediante prévia submissão de seu roteiro à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFU. Com relação às entrevistas, Moreira declara que estas podem ser: abertas ou não estruturadas; semiestruturadas ou parcialmente abertas; e fechadas ou completamente estruturadas. Nesse estudo, optou-se pela entrevista semiestruturada, em que, de acordo com o autor,

o entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem predeterminada, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares sempre que algo de interessante e não previsto na lista original de questões aparecer (2002, p. 55).

Conforme Lefèvre e Lefèvre (2006), a questão aberta produz como resultado um discurso, sendo este o modo como as pessoas pensam ou trocam ideias. Minayo diz que “qualquer pesquisa social que pretenda um aprofundamento maior da realidade não pode ficar restrita ao referencial apenas quantitativo” (1999, p. 28). Cada um desses métodos permite o conhecimento da realidade social, mas de forma diferente. A apreensão do discurso do sujeito acerca da percepção que ele tem da violência e do

medo é um procedimento realizado, sobretudo, com ferramentas disponibilizadas pela pesquisa qualitativa, a partir de entrevistas, por exemplo.

Numa abordagem qualitativa, preocupa-se menos com a generalização e mais com a abrangência e o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização ou de uma instituição. Sobre isso, Turato (2003) declara que, em se tratando de pesquisa qualitativa, não há intenção de generalizar os resultados, mas, sim, de buscar a compreensão, e não a explicação dos fenômenos estudados. Diferentemente de uma pesquisa quantitativa, que procura ver como o fenômeno se comportará estatisticamente numa população, a pesquisa qualitativa visa interpretar o discurso dos sujeitos acerca de determinado fenômeno e o que fazem ou como lidam com ele.

O que faz da entrevista um instrumento privilegiado para a coleta de informações é a possibilidade de revelações que a fala permite. A partir do discurso, é possível conhecer o sistema de valores e crenças do sujeito participante da pesquisa. Além disso, o discurso de um indivíduo sempre está ligado a um contexto espacial, histórico e socioeconômico específico. Sobre isso, a Teoria das Representações Sociais apresenta uma contribuição fundamental. Moscovici declara que as representações sociais “são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (1978, p. 49), sendo sua construção um processo dinâmico, numa dialética entre o individual e o coletivo. Nesse processo, o indivíduo apropria-se dos modos de pensamento, reconstruindo-os e consolidando, de forma subjetiva, as representações, elaborando, a partir disso, interpretações de si e do mundo.

Alexandre (2004) declara que o conceito de representação social situa-se nas fronteiras entre a sociologia e a psicologia, tendo sido inicialmente desenvolvido por Durkheim (2007), segundo o qual o pensamento teria origem na sociedade, e o conhecimento só poderia ser encontrado na experiência social, na vida social, constituindo, a partir disso, o que ele denominou de “representação coletiva”. Esta, por sua vez, “não se reduz à soma das representações dos indivíduos que compõem a sociedade, mas é, mais do que isso, um novo conhecimento formado, que supera a soma dos indivíduos e favorece uma recriação do coletivo”, sendo uma de suas funções primordiais “a transmissão da herança coletiva dos antepassados, que acrescentariam às experiências individuais tudo que a sociedade acumulou de sabedoria e ciência ao passar dos anos” (Alexandre, 2004, p. 131). É justamente nesse ponto que Moscovici (1978) diverge de Durkheim (2007), ao defender que o indivíduo tem um papel ativo e autônomo no processo de construção da sociedade, sendo, também, por ela criado. Assim, as representações sociais

são formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas que não se reduzem apenas aos conhecimentos cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação entre os indivíduos. Dessa maneira, as representações são fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir de seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação em que circulam (Alexandre, 2004, p. 131).

Para Moscovici (1978), as representações sociais atuam na construção social da realidade e de sua conduta. Compartilhando essa ideia, Almeida, ao estudar a representação da violência urbana para policiais civis da cidade de Recife, declara que “as teorias do senso comum [...] assumem as qualidades do contexto social em que são construídas e reforçam a identidade grupal, à medida que organizam as comunicações e norteiam as condutas” (2011, p. 25). Portanto, a violência urbana, tomada como um objeto das representações sociais, apresenta uma característica polimórfica, pois revela concepções diferentes para grupos sociais distintos. Dessa forma, pode-se falar em representação da violência para moradores de áreas rurais, jovens, idosos, policiais, infratores, vítimas etc., pois cada grupo constrói suas representações sociais em consonância com os contextos nos quais está inserido.

O exame das entrevistas fundamentou-se na análise de conteúdo, a partir das discussões sistematizadas por Bardin (2011). A autora caracteriza esse procedimento como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que abrange duas categorias: uma quantitativa e outra qualitativa. Na primeira, o que importa é a frequência com que surgem certas características do conteúdo; na segunda, “é a presença ou a ausência de dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (p. 18). A análise de conteúdo busca atingir, por meio de significantes e/ou significados, outros significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica.

A análise de conteúdo é definida por Bardin como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (p. 48).

A autora ressalta que a análise de conteúdo constitui-se de três fases específicas: 1) pré-análise, constituída da leitura flutuante e da escolha dos documentos; 2) análise do material; e 3) tratamento dos resultados. A pré-análise é a fase de organização e

sistematização do material a ser analisado. O primeiro passo é a realização da leitura flutuante, também chamada de leitura superficial, em que se tem o primeiro contato com o texto dos documentos. A análise do material, longa e exaustiva, baseia-se na codificação, na categorização e na quantificação da informação. O tratamento dos resultados e a interpretação referem-se ao trabalho estatístico dos resultados alcançados, que possibilita a codificação e a elaboração de tabelas e/ou quadros que sintetizam e colocam em relevo as informações fornecidas para a análise, por exemplo, as palavras.

De acordo com Holsti, a codificação “é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (apud Bardin, 2011, p. 133). Essa etapa compreende três momentos: 1) o recorte – escolha das unidades de registro e de contexto; 2) a enumeração – escolha das regras de contagem; e 3) a classificação e a agregação – escolha das categorias.

A unidade de registro corresponde ao segmento básico de análise, podendo ser de ordem gramatical, como a palavra (substantivo, adjetivo, verbo etc.), o símbolo e a frase ou oração; e não gramatical, como o tema, o ator ou o sujeito de uma ação (humano ou animal) e o documento: livro, filme, artigo. Richardson ressalta que a análise de um tema permite “descobrir o ‘sentido’ que o autor deseja dar a determinada mensagem” (1989, p. 190). Já as unidades de contexto servem de base para a unidade de registro. Um exemplo refere-se aos valores colonialistas de um texto, que “não podem apenas ser inferidos com base no número de vezes que aparecem expressões, como *sociedades primitivas*, *povos atrasados* ou *culturas inferiores*” (Franco, 2005, p. 191, grifos do autor). É necessário, portanto, que se busquem unidades de contexto que permitam caracterizar a unidade de registro, partindo-se, por exemplo, da frase para a palavra ou do parágrafo para o tema.

A enumeração é feita a partir da análise da presença ou da ausência de elementos que possam funcionar como um indicador. Em alguns casos, a ausência de certos elementos pode veicular um sentido. A enumeração também pode ser feita por meio da frequência de conteúdos específicos. Geralmente, a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de aparição.

A categorização não é uma etapa obrigatória na análise de conteúdo, mas, quando utilizada, facilita o exame da informação. Ela consiste na classificação dos elementos segundo determinados critérios, que podem ser semânticos (por exemplo: elementos que refletem ansiedade serão agrupados em uma categoria ansiedade), sintáticos (verbos, adjetivos, advérbios etc.), léxicos (ordenamento interno das orações) ou expressivos (por exemplo, categorias que classificam os problemas de linguagem). De acordo com Bardin, a categorização “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia),

com os critérios previamente definidos” (2011, p. 147). Os agrupamentos são realizados obedecendo às características comuns dos elementos, sendo os critérios de categorização semânticos, sintáticos, lexicais ou expressivos.

Para que uma categoria criada seja confiável, deve apresentar alguns elementos: a) exclusão mútua: cada elemento não pode existir em mais de uma divisão; b) homogeneidade: um conjunto categorial deve ser formado por apenas um princípio de classificação; 3) pertinência: o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação; 4) objetividade e fidelidade: os índices que determinam a entrada de um elemento numa categoria devem ser definidos com clareza; e 5) produtividade: “Um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos” (p. 150).

Campos afirma que, nas pesquisas qualitativas, a escolha do método para a análise deve “proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta (*corpus*)” (2004, p. 611), pois são diversas as possibilidades de exploração documental apresentadas pela análise de conteúdo. Na pesquisa em questão, utilizou-se a técnica da análise categorial, que, cronologicamente, é a mais antiga e, conforme Bardin (2011), a mais utilizada, e funciona por operações de desmembramento do texto em unidades e categorias.

A violência urbana segundo os moradores de Uberlândia

A violência, em conjunto com alguns elementos que a acompanham, como o medo e a insegurança, caracteriza-se por um fenômeno visto de forma diferenciada pelos diversos sujeitos e grupos que constituem determinada sociedade. Essa polissemia se estabelece a partir dos contextos sociais vividos por cada grupo inserido em dado espaço e tempo. Portanto, o modo de ver e compreender a violência e se relacionar com ela e seus elementos constituintes é construído socialmente por meio das relações sociais e do pensamento individual de cada sujeito, elaborado a partir de imagens e sentidos concebidos coletivamente.

Aqui, apresentar-se-ão algumas contribuições, concepções e caracterizações sobre a violência, o medo e a insegurança, elaboradas por moradores de Uberlândia, tentando cobrir uma amostra significativa de bairros. De antemão, ressalta-se que as ideias dos sujeitos participantes da pesquisa, construídas coletivamente, perpassam questões de caráter político, ético, moral e cultural, indo desde a mais elementar até a mais complexa argumentação sobre os fenômenos em questão. Realizou-se a exploração dessas falas com base em técnicas que constituem a análise de conteúdo, cujo princípio fundamenta-se na decomposição do discurso presente nas entrevistas e na identificação de unidades de análise que embasam a categorização dos elementos textuais apresentados pelos sujeitos. A estruturação de categorias estabelecidas a partir das questões elaboradas e apresentadas aos sujeitos participantes

da pesquisa permitiu descrever e compreender a visão que os entrevistados têm dos referidos fenômenos.

O roteiro utilizado na entrevista com os moradores de Uberlândia constituiu-se de 13 perguntas semiestruturadas, distribuídas em duas partes. A primeira consistiu em cinco questões fechadas acerca do tempo de residência do entrevistado no bairro, sua idade e religião, locais e horários de maior incidência de crimes no bairro. A segunda caracterizou-se por oito questões abertas, relacionadas ao sentimento do entrevistado em relação ao lugar em que mora, à percepção da violência, do medo e da insegurança no bairro e às ações de intervenção sobre o fenômeno. Apenas sobre esse grupo de perguntas empregou-se a técnica da análise de conteúdo. Algumas das questões que compõem o segundo grupo, após terem sido exploradas e distribuídas em categorias, não apresentaram exatamente setenta respostas, pois alguns entrevistados não quiseram opinar sobre o assunto delas.

A segunda parte das entrevistas, constituída por oito questões, objetivou conhecer a visão que os moradores têm não só da violência e da segurança no bairro, como também da sensação de medo, que é um reflexo tanto do aumento da criminalidade quanto da insegurança. A pré-análise das entrevistas constituiu-se, sobretudo, na sistematização das ideias que fundamentaram os discursos dos entrevistados. Nessa fase, todas as entrevistas foram submetidas à avaliação e constituíram o *corpus* da pesquisa. As setenta entrevistas realizadas atenderam ao requisito de adequação à temática sugerida e foram utilizadas, portanto, no processo de análise.

Estabeleceram-se os indicadores para verificar o grau de insegurança, medo, vitimização e insatisfação para com a segurança pública da cidade por temas presentes nas respostas dos entrevistados. Nesse sentido, observou-se a frequência de alguns vocábulos que constituíram o léxico utilizado nos discursos, para as diferentes questões abordadas. Realizou-se a exploração das entrevistas a partir da técnica de análise categorial, estruturada por meio da codificação e categorização das informações contidas no discurso dos moradores.

Para iniciar a conversa, perguntou-se aos entrevistados: *you gosta do bairro onde mora?* Aqui, objetivava-se verificar se a violência se configurava como um fator condicionante da visão negativa e malquista do lugar de moradia. Dentre os entrevistados, 48 (68,57%) disseram gostar de morar no bairro, três (4,29%) afirmaram não gostar e 19 (27,14%) não opinaram. Dentre as justificativas positivas quanto ao lugar, estavam a presença de supermercados, tranquilidade, proximidade do trabalho etc. Os principais fatores negativos apresentados foram: violência, barulho, agitação, falta de comércio e ausência de espaços de lazer.

A análise dessa questão apresentou nove categorias referentes aos aspectos positivos e apenas duas em relação aos negativos. A partir dos pontos positivos, estabeleceram-se as seguintes categorias: acessibilidade, afetividade, aspectos ambientais, aspectos econômicos, atributos diversos, atributos locais, infraestrutura urbana, segurança pública e tranquilidade. Dentre estas, os atributos locais, a infraestrutura urbana

e a afetividade para com o local apareceram em primeiro lugar. Para os aspectos negativos, apresentaram-se a criminalidade e a precária infraestrutura urbana. Conclui-se, a partir disso, que a criminalidade não se configura como um elemento que atuaria na escolha do local para residir, sobretudo porque apenas um dos entrevistados a citou como elemento negativo (quadro 1).

Quadro 1 – Você gosta do bairro onde mora?

Razões que o levam a gostar do bairro onde mora		
Pontos	Categorias	Codificação (unidades de registro – frases)
Positivos	Acessibilidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] tenho acesso fácil a locais como supermercados, lanchonetes e outras coisas necessárias para o cotidiano”. (1) 2. “[...] fácil acesso ao centro da cidade e supermercados, hospitais etc.”. (1) 3. “É um bairro com acessibilidade e rápido deslocamento a diversas atividades comerciais, à Universidade Campus Santa Mônica e atividades de lazer”. (1) 4. “Porque tenho quase tudo que preciso comprar”. (1) 5. “[...] (acessibilidade rápida ao centro da cidade), a igreja perto da minha casa”. (1) 6. “[...] de fácil acesso às demais regiões da cidade”. (1) 7. “[...] com acessos estratégicos e fáceis para outros bairros e centro”. (1) 8. “É de fácil acesso ao centro”. (1) 9. “[...] de fácil acesso”.
	Afetividade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] com boa vizinhança e com ruas bonitas”. (1) 2. “Acredito que seja um bairro agradável”. (1) 3. “Porque é um bairro antigo, conheço muitos de meus vizinhos”. (1) 4. “É um bairro que me dá segurança e bom relacionamento com as pessoas”. (1) 5. “Porque foi o primeiro bairro em que morei”. 6. “[...] bons vizinhos”. (1) 7. “É onde moro desde que vim para Uberlândia”. (1) 8. “[...] estou perto dos meus entes queridos”. (1) 9. “[...] pelos amigos que tenho no bairro todo”. (1) 10. “Porque sempre morei próximo deste bairro, onde residem também familiares e amigos”. (1) 11. “[...] entre os vizinhos residem moradores antigos com os quais as relações de vizinhança são muito agradáveis”. 12. “[...] tenho uma vizinhança agradável”. (1) 13. “[...] tem uma vizinhança que mora há muito tempo no local”. (1) 14. “Porque sempre morei neste bairro e conheço toda a vizinhança e os lugares por onde passo”. (1) 15. “Porque me adaptei bem neste local, tenho quase todos os meus familiares morando neste bairro e também muitos amigos”. (1)
	Aspectos ambientais	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] (ruas) bem arborizadas”. (1) 2. “[...] possui área verde ao fundo”. (1) 3. “[...] arborizado” (1)

Positivos	Aspectos econômicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] tem muitos lotes vagos esperando aumentar ainda mais a valorização”. (1) 2. “[...] está em crescimento”. (1)
	Atributos diversos	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Apesar de aqui haver violência, acho a situação do meu bairro melhor do que a de muitos outros”. (1) 2. “[...] aqui não tem gente à toa perambulando e fazendo barulho nas ruas”. (1) 3. “Residencial”. (2)
	Atributos locais	<ol style="list-style-type: none"> 1. “É bem localizado”. (4) 2. “Porque é perto de onde trabalho”. (1) 3. “[...] por estar próximo à minha família”. (1) 4. “[...] próximo ao centro da cidade”. (4) 5. “Pois aqui tem tudo. Nem precisa ir ao centro de cidade”. (1) 6. “Localização privilegiada”. (1) 7. “[...] tenho acesso fácil ao centro da cidade e outras localidades de Uberlândia”. (1) 8. “Porque fica perto do meu trabalho, da igreja, e isso facilita bastante”. (1) 9. “[...] próximo dos locais que mais frequento”. (1) 10. “[...] é o bairro onde está meu emprego e, portanto, posso desfrutar do conforto de residir perto do trabalho, minhas filhas frequentam as escolas próximas”. (1) 11. “É um bairro bem localizado e oferece os benefícios necessários ao dia a dia”. (1) 12. “[...] possui várias opções que atendem às minhas necessidades básicas diárias”. (1) 13. “[...] próximo à UAI, shopping, prefeitura, enfim, é um bairro bem localizado”. (1) 14. “Tem quase todos os serviços de que necessito”. (1)
	Infraestrutura urbana	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Possui bons equipamentos urbanos”. (1) 2. “Facilidade na logística de transporte, supermercado”. (1) 3. “[...] com boa infraestrutura”. (1) 4. “[...] oferece vários tipos de equipamentos necessários no dia a dia”. (1) 5. “É um bairro completo”. (1) 6. “É um bairro privilegiado, com ótima infraestrutura, ótima geografia”. (1) 7. “Porque supre todas as minhas necessidades: comércio, transporte”. (1) 8. “Porque é um bairro que oferece vários serviços dos quais necessito. Dentre os mais importantes, posso elencar: educação (UFU), lazer (Center Shopping) e alimentação (Carrefour)”. (1) 9. “[...] encontramos tudo o que precisamos no comércio”. (1) 10. “O bairro oferece os serviços de que necessito no dia a dia (farmácia, supermercado, padaria etc.)”. (1) 11. “Tem toda infraestrutura de que se precisa”. (1) 12. “[...] tem muitos comércios”. (1)
	Segurança pública	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] tem constante acompanhamento policial”. (1) 2. “Pela segurança”. (1) 3. “[...] não apresenta muita violência”. (1)

	Tranquilidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Porque é um bairro tranquilo”. (14) 2. “[...] um bairro bem pacato”. (1) 3. “[...] sem muitos barulhos”. (1) 4. “[...] ruas calmas e tranquilas (trânsito)”. (1) 5. “[...] com pouca agitação e barulho”. (1) 6. “Por enquanto, ainda está tranquilo (é possível descansar, não há barulho)”. (1) 7. “Acho um bairro calmo”. (2) 8. “Porque é um bairro bem tranquilo, onde o fluxo de carros e ônibus, por exemplo, não interfere”. (1) 9. “Minha rua é tranquila”. (1)
Negativos	Criminalidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “É um bairro muito violento”. (1)
	Infraestrutura urbana	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] falta de galeria pluvial, árvores embaixo de postes de luz”. (1) 2. “Apresenta poucas opções de lazer, comércio”. (1)

Organização: Santos (2012).

Com a finalidade de verificar o conhecimento dos moradores acerca dos acontecimentos que se dão no bairro, em especial das ocorrências criminais, perguntou-se: *existe algum tipo de crime que ocorre com mais frequência em seu bairro?* Nessa questão, o entrevistado poderia citar mais de uma opção. Dentre os crimes elencados pelos moradores, o roubo apareceu em primeiro lugar, com um total de 63 ocorrências, destacando-se as modalidades a residência, comércio e transeuntes. Em segundo lugar, veio o tráfico de drogas e, em terceiro, apareceram os homicídios. Os dados do Centro de Operações da Polícia Militar (COPOM) para os crimes violentos revelam que os roubos e os homicídios estão entre as principais ocorrências na cidade. De igual modo, o tráfico de drogas é uma realidade presente em praticamente todos os bairros de Uberlândia, com maior intensidade em alguns deles.

Com o intuito de investigar se o medo era um elemento que diminuía a interação dos moradores no bairro, perguntou-se: *você tem medo de andar em algum lugar do bairro onde mora?* A maioria dos entrevistados (46; 65,71%) disse ter medo, e 24 deles (34,29%) afirmaram não ter. A partir das informações fornecidas pelos entrevistados, estabeleceram-se dez categorias para as respostas afirmativas sobre a existência de medo e sete para as negativas. Para o primeiro caso, as categorias estabelecidas foram: violência, drogas, locais inseguros, pessoas indesejadas, roubo, quietude, lugar escuro ou deserto, coação, terrenos vazios e pessoas desconhecidas. Para o segundo grupo, figuraram questões referentes a conhecimento do lugar, fé, segurança pública, tranquilidade e precauções.

Após a codificação das respostas para essa pergunta, registraram-se 47 sentenças positivas para a existência de medo de algum lugar do bairro, e, desse total, 31 (63,83%) relacionaram-se a locais inseguros, escuros ou desertos, como ruas próximas à rodovia ou mais afastadas da área urbanizada, perto de córregos ou de bairros violentos. Ressalta-se que, ao se cruzarem as respostas dadas a essa questão com a faixa etária dos entrevistados, observou-se que o medo diminui à medida que a idade aumenta, e, para aqueles com idade entre 18 e 29 anos, o medo é mais elevado, apesar de essa faixa etária também ter apresentado um número considerável de respostas referentes à não existência de medo (quadro 2).

Quadro 2 – Você tem medo de andar em algum lugar do bairro onde mora?

Presença ou ausência de medo em relação a atributos do bairro		
Tem medo	Categorias	Codificação (unidades de registro – frases)
	Coação	1. “Sim, medo de sair de casa e ser rendida, como já aconteceu com todos os meus vizinhos”.
	Drogas	2. “[...] locais onde o índice é maior com relação a drogas, portanto, evito sim andar por esses locais”. 3. “[...] onde se concentra os usuários de drogas”. 4. “[...] tenho medo de ser abordada e assaltada por viciados em crack”. 5. “Rua abaixo, sentido Cidade Jardim, por causa de atividades ligadas ao tráfico de drogas”.
	Locais inseguros	1. “[...] às margens do Rio Uberabinha. São locais onde pessoas mal-intencionadas costumam agir”. 2. “Mais na parte de trás do bairro, onde faz limite com um bairro mais violento, o bairro Canaã”. 3. “Perto do brejo é muito escuro, prefiro não arriscar andando sozinha por lá”. 4. “Próximo à Madre Cor e nas proximidades da prefeitura. Acredito que são pontos mais visados por meliantes”. 5. “Sim, nas ruas mais próximas à rodovia”. 6. “Sim, tem um lugar chamado “antiga favelinha”, dizem que lá é perigoso, por isso nunca fui”. 7. “Sim. Existe um “cantinho do bairro” (perto do Estádio Airton Borges) que se fala que é o reduto das drogas. Esse lugar evitamos passar”. 8. “Sim. Na pista de caminhada após anoitecer, devido a ficar escuro”. 9. “Sim. Perto do Quartel do Exército e nas proximidades do Rio Uberabinha, na divisa com o bairro Daniel Fonseca”. 10. “Sim. Procuro evitar horários e locais perigosos”. 11. “Tenho medo de andar nas ruas mais afastadas da minha casa, mais ao fundo do bairro, em horários muito tardios. Se bem que, mesmo próximo à minha rua, já fui abordada por um mau elemento”.

Tem medo	Lugar escuro ou deserto	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] as partes do bairro mais afastadas com poucas casas e muitos terrenos”. 2. “[...] locais muito escuros”. 3. “Ao isolamento de pessoas nas ruas; após determinadas horas, as ruas ficam desertas e escuras”. 4. “Áreas escuras, sem iluminação”. 5. “Durante o dia, não. À noite, dependendo do horário, sim.” 6. “Em lugares ainda não habitados, por medo de assalto”. 7. “Mas é claro que, à noite, eu fico com medo de andar sozinha. Quando volto da UFU à noite, desço no ponto de ônibus que fica a um quarteirão da minha casa e, aí, sinto medo de andar sozinha”. 8. “Nos resguardamos no período da noite”. 9. “Sim, à noite tenho medo de andar pelas ruas”. 10. “Sim, nas ruas com poucas construções, por medo de ser assaltada ou violentada e ninguém ver ou ouvir”. 11. “Sim, nas ruas porque geralmente tem poucas pessoas circulando a pé”. 12. “Sim, o antigo bairro Tancredo Neves virou Planalto, e as ruas são muito escuras e paradas, e é uma parcela mais pobre que mora naquele pedaço”. 13. “Sim, porque quase não se veem pessoas nas ruas”. 14. “Sim, praticamente no bairro todo a partir das 21h, pois o bairro fica muito deserto”. 15. “Sim, tenho medo de andar sozinha à noite, já fui assaltada”. 16. “Sim. Algumas ruas são bem escuras e desertas, o que torna alguém sozinho totalmente desprovido de socorro e um alvo fácil para bandidos”. 17. “Sim. Por ser um bairro tranquilo de se viver, a partir do momento que o comércio fecha, por exemplo, as ruas se tornam bem desertas, e passar por praças à noite não é algo muito aconselhável”. 18. “Sim. Porque tem algumas ruas que realmente dão medo na gente, ruas escuras”. 19. “Tenho medo de andar em lugares mais desertos, escuros e arborizados por causa de pessoas que ficam usando drogas, até mesmo durante o dia já vi pessoas usando”. 20. “Tenho medo de andar sozinho de madrugada, medo que roubem a minha moto”.
	Pessoas desconhecidas	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] onde tem pessoas que não conheço”. 2. “[...] pessoas não encaradas”. 3. “Sim. Em alguns locais onde existem muitos ciganos que estão envolvidos com o tráfico de drogas”.
	Pessoas indesejadas	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] prostitutas e os vândalos”.
	Quietude	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Sim, na verdade, em boa parte do bairro, porque é muito quieto e não se sabe o que pode acontecer [...]. É um bairro tranquilo para descansar e estar com a família, e, por outro lado, os meliantes aproveitam essa tranquilidade para agir”. 2. “Sim, porque é um bairro sem movimento”.

	Roubo	1. “Sim, porque tenho medo de ladrões”.
	Terrenos vazios	1. “Sim, por causa dos lotes vagos em que o capim fica alto”. 2. “Sim. Devido à presença de terrenos vazios com matagal”. 3. “Sim. Nos lugares onde há terrenos baldios”.
	Violência	1. “Sim, devido à violência e às drogas”.
Não tem medo	Conhecimento do lugar	1. “Hoje até que não, pois, como já moro lá há muitos anos, conheço muita gente”. 2. “Não tenho medo porque moro há muitos anos no bairro. A gente se conhece. Aí, fica mais fácil”. 3. “Não tenho medo. Conheço o bairro muito bem”. 4. “Não, porque eu conheço muito o bairro em que eu moro”.
	O estranho	1. “Não tenho medo de andar em lugares do meu bairro, mas o estranho/diferente sempre causa medo”.
	Fé	1. “Não, porque Deus está comigo, e, se Ele tiver comigo, nada vai acontecer”.
	Generalização da violência	1. “Não. Porque atualmente, em Uberlândia, a violência ocorre em todos os bairros”.
	Precaução	1. “[...] evito passagens onde sei que há mais frequência de delinquentes”. 2. “[...] sempre que possível, tento evitar transitar por determinada área do bairro que no momento aparenta não ser segura, buscando uma rota alternativa mais segura”. 3. “[...] tomo algumas precauções para evitar certos tipos de crime”. 4. “Não. Já mantenho como hábito estar sempre em casa após as 22:30h”.
	Segurança pública	1. “Não, o bairro dispõe de certa segurança”. 2. “Não, pois sou militar, ando armado, trabalho na área, sou conhecido da criminalidade, não sou um alvo fácil. Acreditamos na teoria do tripé do crime: alvo em potencial, infrator motivado, local propício; se não tiver esses três pilares, o crime não ocorre”. 3. “Não. Sinto segurança ao andar pelo bairro”.
	Tranquilidade	1. “[...] sempre ando por locais considerados tranquilos”. 2. “Não. Pois é tranquilo, seguro”.

Organização: Santos (2012).

Com o propósito de apreender a visão que os moradores têm das consequências decorrentes da violência, perguntou-se: *quais consequências a violência traz aos moradores do seu bairro?* Da análise, estabeleceram-se dez categorias, dentre elas: desconfiança, envolvimento com drogas, impunidade, individualismo/isolamento, insegurança, medo,

perda da liberdade, prejuízos materiais, sentimentos negativos; dessas, destacaram-se o medo, com 24 unidades de registro, e a falta dos equipamentos de segurança, com 14 unidades (quadro 3).

Quadro 3 – Quais consequências a violência traz aos moradores do seu bairro?

Consequências decorrentes da criminalidade violenta		
Consequências	Categorias	Codificação (unidades de registro – frases)
	Desconfiança	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] desconfiança até mesmo dos vizinhos”. 2. “[...] desconfiança em pessoas desconhecidas”. 3. “[...] todos os vizinhos que não são costumeiros são vistos com desconfiança”. 4. “Desconfiança de qualquer indivíduo”.
	Envolvimento com drogas	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Promove o envolvimento de adolescentes cada vez mais novos com as drogas”. 2. “Região do Guarani, [...] neste local têm ocorrido muitos homicídios de menores envolvidos em uso e tráfico de drogas”.
	Equipamentos de segurança	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] as casas são protegidas: cercas elétricas, muros altos, grades altas”. 2. “[...] aumento dos muros das residências, investimentos em dispositivos de segurança para as residências, como câmeras, cercas elétricas, dentre outros...”. 3. “[...] casas com muros altos”. 4. “[...] colocação de cercas elétricas em suas casas e outros equipamentos de segurança”. 5. “[...] grades são cada vez mais utilizadas na busca por mais segurança. Isso tudo parece [tolher] a liberdade dos moradores, que se tornam reféns do medo”. 6. “[...] investir na segurança doméstica”. 7. “Talvez a busca por investir sempre em novas formas de segurança em suas residências”. 8. “[...] protegendo suas casas com instrumentos advindos da tecnologia, como portões eletrônicos e cercas elétricas”. 9. “[...] surgimento de comportamentos específicos voltados à precaução de roubo/furtos”. 10. “[...] todos são obrigados a tentar se proteger com cercas elétricas e monitoramento eletrônico”. 11. “Bom, eu fico meio receosa, e acho que meus vizinhos também, já que pessoas que moram aqui há anos e nunca tinham sofrido assalto antes tiveram que aumentar seus muros e colocar cerca elétrica recentemente”. 12. “Creio que as consequências da violência no meu bairro são de ‘obrigar’ as pessoas a se precaverem mais, gastando cada vez mais dinheiro com segurança pessoal, instalando cercas elétricas, alarmes etc.”. 13. “No máximo, um cuidado com segurança das casas”. 14. “Se fecharem em muros altos, com cerca elétrica e portão muito fechado, em que os próprios vizinhos acabam não se conhecendo, acredito que isso seja pior”. 15. “Tentam proteger as residências com muros altos, cercas elétricas, equipamentos de vigilância etc.”.
	Impunidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] certeza de impunidade dos infratores”.

Consequências	Individualismo, isolamento	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] ficamos mais presos em casa”. 2. “Alguns ficam assustados e se isolam”. 3. “As pessoas, diante dos atos de violência, tendem a isolar-se; fragilidade, dentre outros”. 4. “As pessoas vivem sempre trancadas”. 5. “Há uma individualização crescente, pessoas se isolam em suas casas”. 6. “Reclusão. As pessoas ficam trancadas em suas próprias casas”. 7. “Vizinhos não se relacionam”.
	Insegurança	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] insegurança para comprar novos bens móveis e portáteis”. 2. “Com certeza, as piores possíveis, pois violência traz insegurança”. 3. “Descontentamento com a segurança pública, pois até mesmo dentro de nossas casas não estamos totalmente seguros”. 4. “Sensação de insegurança”. 5. “Um pouco de insegurança”. 6. “Insegurança”. (11)
	Medo	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] a gente acaba ficando com medo das ruas”. 2. “[...] medo de andar na rua, medo de sair de casa ou de chegar mais tarde e até de deixar as crianças na rua e de ficar sentada na porta de sua casa”. 3. “[...] medo de deixar a casa sozinha”. 4. “[...] medo de ficar na rua, principalmente à noite”. 5. “[...] medo [...], como já aconteceu com o vizinho, mudou de endereço depois que sua casa foi assaltada”. 6. “[...] medo dos moradores de permanecerem nas ruas durante a noite”. 7. “[...] o medo de sair na rua à noite aumenta”. 8. “Acredito que a maior consequência seja o medo, o que faz com que as pessoas procurem se proteger o máximo possível, evitando andar sozinhas em determinados horários”. 9. “Acredito que a sensação de medo aumenta”. 10. “As pessoas ficam com medo de andar por certas partes do bairro em certas horas”. 11. “Medo de andar nas ruas à noite”. 12. “Medo de andar pelas ruas do bairro”. 13. “Medo de ser vítima de algum roubo ou assassinato por engano”. 14. “Medo de transitar pelas ruas no período noturno, medo de viajar e deixar a casa sozinha”. 15. “Medo e alguns traumas”. 16. “Medo e aprisionamento das pessoas em suas casas, dificultando maior participação nas atividades cotidianas”. 17. “Medo que acaba aprisionando”. 18. “Medo, insegurança, traumas...” 19. “Medo, principalmente de sair à noite”. 20. “Muitos têm medo de sair de casa na parte da noite”. 21. “O medo de sair na rua a partir de certa hora, medo de viajar e deixar a casa sozinha etc.”. 22. “Quando ocorreu a morte do adolescente, todos ficaram assustados”. 23. “Medo” (21).
	Perda da liberdade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Falta de liberdade para andar pelas ruas com tranquilidade”. 2. “Falta de paz, de lazer”. 3. “[...] desconforto de andar livremente pelas ruas”.

	Prejuízos materiais	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] prejuízos materiais”. 2. “[...] vandalismo destrói as praças e os parques”. 3. “Desvalorização de imóveis”. 4. “[...] fechamento dos comércios ao anoitecer para evitar assaltos”. 5. “Os casos que ouço relatos são de furtos a residências, e as consequências são o desespero das pessoas furtadas, que, após o crime, têm que comprar outros utensílios domésticos”. 6. “Prejuízo”. 7. “Prejuízos materiais e, principalmente, psicológicos, deixando as pessoas amedrontadas em casa, se tornando, assim, ‘reféns’ dos bandidos”.
	Sentimentos negativos	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Ansiedade; paranoia; pavor; revolta; tristeza, indignação, frustração; preocupação, estresse”.

Organização: Santos (2012).

Para verificar o grau de vitimização dos moradores, ou seja, se o entrevistado ou alguém de sua família já havia sido vítima da violência urbana em Uberlândia, perguntou-se: *você ou alguém de sua família já foi vítima da violência em Uberlândia?* Dentre os entrevistados, 47 disseram que alguém de sua família ou ele próprio já fora vítima da violência na cidade (67,14%), e 23 (32,86%) declararam que nem eles nem seus familiares tinham sofrido qualquer tipo de ato violento. Com relação às modalidades de ocorrências criminais apresentadas, o roubo, sobretudo a residência e transeuntes, apareceu em primeiro lugar, e, em segundo, apareceram os homicídios. Ao se cruzar essa questão com a anterior, verificou-se que o medo é diretamente proporcional ao grau de vitimização sofrida pelo entrevistado ou por pessoas próximas. A análise demonstrou que, do total de setenta entrevistados, 31 (44,57%) deles disseram já ter sido vítima da violência e declararam ter medo de circular livremente pelo bairro. Em segundo lugar, vieram os que declararam não ter medo, apesar de já terem sido vítimas, representando 15 casos (21,43%). Com 12 casos, ficaram os que disseram ter medo, embora nunca tenham sido vítimas, e, com esse mesmo valor, os que disseram não ter medo e nunca ter sido vítimas.

Para conhecer o grau de satisfação dos sujeitos com relação à segurança pública, perguntou-se: *você está satisfeito com a segurança pública realizada no seu bairro?* Do total de setenta entrevistados, 44 (62,86%) declararam não estar satisfeitos, e 26 (37,14%) disseram estar. Entretanto, apenas 62 entrevistados quiseram justificar suas respostas, sendo que 26 apresentaram satisfação (41,94%) e 36 declaram-se insatisfeitos (58,06%).

No grupo dos insatisfeitos, dentre as razões apresentadas, a que mais se destacou foi a falta de policiamento nas ruas. No segundo grupo, as justificativas relacionaram-se a fatores sociais, como a presença de uma vizinhança unida, que transmite segurança, e a fatores próprios da segurança pública, como efetivo policial, patrulhamento ostensivo e presença de vigias/guardas noturnos. Conclui-se, a partir da análise das falas dos

entrevistados, que a segurança pública, para eles, faz-se a partir da presença de policiais e viaturas no bairro. Nesse sentido, a sensação de segurança vem a partir da percepção de que a prevenção à criminalidade violenta está sendo realizada pelo patrulhamento ostensivo da Polícia Militar (quadro 4).

Quadro 4 – Você está satisfeito com a segurança pública realizada no seu bairro?

Satisfação em relação à segurança pública	
Está satisfeito	Codificação (unidades de registro – frases)
	<ol style="list-style-type: none"> 1. “A segurança pública realizada no meu bairro não é tão precária. Mas acredito que a segurança deveria ser reforçada nos horários entre 17h e 23h, que são os horários que as ruas ficam mais desertas e, consequentemente, mais perigosas”. 2. “Aos poucos tem melhorado, mas ainda a polícia é falha em não repreender os bagunceiros que fazem o que querem na madrugada”. 3. “Apesar de já ter sofrido violência no meu bairro, tenho plena convicção de que a situação dele é muito melhor do que a de muitos outros bairros”. 4. “Até o presente momento sim, pelo menos na região onde moro, mas fica a desejar, no meu ponto de vista, nas regiões perto do Quartel do Exército e nas proximidades do Rio Uberabinha, na divisa com o bairro Daniel Fonseca. Apesar de a prefeitura municipal ter começado a pavimentar ao redor do Rio Uberabinha e a colocar iluminação, temos visto melhoras, mas ainda pode haver outras melhorias em relação à segurança pública”. 5. “Bom, em certos termos, vamos dizer que sim. Não é um bairro extremamente violento, mas tem suas áreas de perigo, como todos os bairros; não é um bairro que acontece constantes violências e assaltos. É um bairro com vizinhança unida, que dá segurança”. 6. “Considerando que outras localidades são pouco assistidas, a frequência de policiais circulando pelo bairro dá a sensação de tranquilidade e segurança”. 7. “De certa forma sim, pois, como é um bairro de classe média e a classe alta, sempre tem uma viatura da polícia rondando pelas ruas do bairro”. 8. “É comum ver carros de polícia fazendo rondas nas ruas e sempre tem vigias noturnos fazendo rondas durante a noite. Portanto, estou, sim, satisfeito com a segurança”. 9. “Estou satisfeita, mas não completamente. Acredito que, além do policiamento nas ruas, deveria haver mais atitude por parte dos policiais no combate ao tráfico das drogas e aos roubos”. 10. “Não existem muitos erros na segurança pública, a questão é social, moral e ética dos seres humanos, que estão perdendo o ‘dever ser’”. 11. “Não temos de forma institucionalizada. Há um guarda noturno que passa à noite, e algumas pessoas pagam por esse serviço. E também notamos ronda, de vez em quando, da polícia, pois estamos muito próximos da Av. Rondon Pacheco”. 12. “Nos últimos anos, o número de policiais nas ruas aumentou satisfatoriamente”. 13. “O policiamento é efetivo”. 14. “O policiamento é permanente, e as rondas estão sempre acontecendo, de dia e à noite”. 15. “Percebe-se a presença constante de policiamento no bairro. Quando são chamados, aparecem rapidamente. Os casos de que tenho notícia são poucos”. 16. “Pois melhorou muito depois que montaram um batalhão da Polícia Militar lá por perto; diminuiu a frequência dos crimes, que, hoje em dia, são quase extintos”. 17. “Por verificar em determinados horários carros de polícia parados nas vias principais e realizando revistas em elementos suspeitos”.

	<ol style="list-style-type: none"> 18. “Porque, em parte, eles estão solucionando quase todos os crimes, mas falta ainda um comprometimento maior por parte deles, como foi dito na questão anterior”. 19. “Porque faço parte dela e sei que estamos fazendo todo o possível na tentativa de prevenir crimes. E também sou morador do bairro e vejo meus colegas trabalharem diuturnamente para isso”. 20. “Porque viaturas da polícia estão sempre presentes”. 21. “Sempre quando solicitamos a presença de policiais, somos atendidos. Podemos observar também policiais fazendo ronda, mesmo durante o dia, mantendo a vigilância no bairro”. 22. “Sempre vejo viaturas da polícia circulando por aqui, e isso inibe um pouco os marginais”. 23. “Sim. Acredito que a Polícia Militar tem feito um ótimo trabalho nessa região. É claro que melhorias ainda podem ser feitas; porém, deve ser feito em conjunto com a prefeitura, para melhorar a iluminação das ruas, e com o estado, com aumento de efetivo de policiais e viaturas”. 24. “Talvez pela proximidade do quartel, o bairro é frequentemente monitorado”. 25. “Tem muito policiamento, mas isso não impede os bandidos”. 26. “Tem patrulha, e sempre se vê algum policial fazendo ronda”. 27. “Vejo a polícia circulando pelo bairro. Mas não tenho certeza se o bairro está protegido. Apesar de que é difícil monitorar todos os lugares ao mesmo tempo, mas vejo que a polícia está presente nos locais com maior incidência”.
Não está satisfeito	<ol style="list-style-type: none"> 1. “A polícia passa de carro e finge que nada está acontecendo e fazem blitz só em horário em que os trabalhadores estão indo ou vindo do serviço, não fazem na parte da noite para pegarem os delinquentes”. 2. “Acho que sempre pode ser melhorado o policiamento nas ruas e é pouco ou inexistente a relação da polícia com a comunidade no que se refere a trabalhos educativos”. 3. “Ainda ocorrem muitos assaltos a residências e estabelecimentos comerciais e roubo de acessórios de automóveis”. 4. “Aos poucos tem melhorado, mas ainda a polícia é falha em não repreender os bagunceiros que fazem o que querem na madrugada”. 5. “Apesar de haver, é insuficiente, como em toda Udi”. 6. “Apesar de rondas raríssimas no bairro e da ação dos vigilantes noturnos, não há uma política pública eficiente voltada à segurança de modo que as consequências relatadas na pergunta anterior sejam minimizadas ao máximo”. 7. “Apesar de ser um bairro em que moram muitos policiais e sargentos, pois sempre os vemos nas ruas, acredito que falta humanização, um trabalho de vizinhança, pois há horários que não se veem pessoas na rua e aí que pode morar o perigo”. 8. “Apesar de ver muitos carros de polícia nas ruas, a segurança ainda é muito falha, pois geralmente eles ficam parados em algum lugar onde teve mais ocorrências, assim deixando o resto dos lugares livres”. 9. “As patrulhas de polícia não são muito frequentes nas ruas menos movimentadas”. 10. “Deveria haver mais policiais nas ruas”. 11. “Deveria haver mais rondas feitas por policiais em várias horas do dia”. 12. “Eu penso que aqui nem tem, pois nunca vi e nem ouvi nada relacionado a isso”. 13. “Falta maior contingente de policiais circulando pelas ruas para inibir ação dos marginais”. 14. “Falta policiamento eficaz. Um posto de gasolina localizado nas proximidades de um posto policial já foi assaltado duas vezes”. 15. “Falta policiamento, principalmente no período da noite”. 16. “Falta policiamento”. 17. “Lógico que não, somos mais protegidos por Deus do que por segurança ‘polícia’”. 18. “Moro em um bairro onde existe outro bairro com muita violência, onde o tráfico de drogas diariamente é assunto nos noticiários e frequentemente ouvimos tiros e barulhos de sirene; dá um pouco de medo”.

Não está satisfeito

19. “Não estou satisfeita pela demora quando são chamados. Nunca chamei por causa de assalto, graças a Deus, nem roubo, mas por causa de som de carro em minha porta”.
20. “Não tem segurança nenhuma, nem iluminação nas ruas tem direito”.
21. “Não vejo segurança”.
22. “Não, porque não tem posto policial”.
23. “O bairro poderia ser bem mais assistido com a presença de maior número de policiais”.
24. “Penso que as autoridades parecem que são coniventes ou fazem vista grossa aos criminosos com seus crimes”.
25. “Percebe-se que ultimamente há um maior número de policiais nas ruas do bairro, no entanto, considero que ainda seja uma quantidade insuficiente para evitar a criminalidade”.
26. “Poderia haver mais patrulhamento da Polícia Militar”.
27. “Poderia haver mais policiamento e que os mesmos fossem mais parceiros dos moradores”.
28. “Poderia ter mais vigilantes ou policiais nas ruas; à noite as ruas ficam muito paradas, onde se torna cenário perfeito para os ladrões”.
29. “Porque a polícia militar não consegue pegar os maconheiros do bairro”.
30. “Porque acredito que muitos crimes poderiam ser evitados caso o policiamento fosse melhor e também porque as pessoas que foram presas praticando furto no bairro não permanecem na cadeia, elas são levadas para a delegacia e em seguida são liberadas. Ficam impunes e voltam a praticar os mesmos delitos”.
31. “Porque aqui a gente não vê nenhum tipo de policiamento, só vê quando matou alguém ou coisa desse tipo”.
32. “Porque os índices de violência aumentam a cada dia”.
33. “Porque precisa de mais patrulha de polícia nas ruas, especialmente nos locais onde tem muitos terrenos vazios”.
34. “Porque só age durante o dia”.
35. “Quando precisei, demoraram para chegar e me trataram mal, sem educação, quando estava fragilizada, e fizeram um péssimo boletim de ocorrência, que não ajudou”.
36. “Vejo muito pouco a polícia próximo às residências. É mais fácil perceber movimentação de vigias de empresas de segurança terceirizadas do que da polícia”.

Organização: Santos (2012).

Para verificar se os entrevistados tinham conhecimento da existência de algum programa de prevenção à violência desenvolvido em seu bairro, questionou-se: *você conhece algum programa de prevenção à violência desenvolvido em Uberlândia e no seu bairro?* Muitos moradores disseram conhecer ações de prevenção no bairro e citaram alguns programas, como Fica Vivo, Grupo Especializado em Policiamento de Áreas de Risco (GEPAR), Jovens Construindo a Cidadania (JCC), Programa de Educação e Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) e Vizinhança Solidária (quadro 5). Dentre estes, o Vizinhança Solidária e o PROERD foram os mais citados pelos entrevistados. Isso se justifica pelo fato de esses programas envolverem diretamente a comunidade: o primeiro, para ser instalado no bairro, precisa da participação popular no que se refere ao envolvimento com a proposta da ação; o segundo é desenvolvido em escolas com vistas à prevenção ao uso de drogas entre crianças e adolescentes.

Quadro 5 – Você conhece algum programa de prevenção à violência desenvolvido em Uberlândia e no seu bairro?

Programas de prevenção à violência citados pelos entrevistados	
Programas	Codificação (unidades de registro – frases)
Fica Vivo	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Conheço em Uberlândia o <i>Fica Vivo</i> e outros. No meu bairro não conheço”. 2. “Conheço o programa <i>Fica Vivo</i>, que tem sede no bairro Morumbi”.
GEPAR	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] na minha subárea ainda tem o Grupo de prevenção ativa (<i>GEPAR</i>) e outros”.
Patru- lhamento	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Sim, o <i>patrulhamento</i> melhorou, mas vemos pessoas se drogando e traficando sob a luz do dia”. 2. “Não conheço nenhum programa específico, mas acredito que as rondas constantes e a presença de policiais no bairro, pelo menos na Av. Belarmino Cotta Pacheco, seja parte de algum deles”. 3. “Não sei se isso é, mas os policiais fazem muitas rondas por lá, o que faz com que os bandidos fiquem mais na miúda”.
PROERD, JCC, Anjos da Escola	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Não conheço. A não ser o trabalho da patrulha escolar feito nas escolas, como o <i>PROERD</i>”. 2. “No meu bairro não tem, mas conheço o <i>PROERD</i>, inclusive já participei, mas foi na escola”. 3. “Sim, o <i>PROERD</i> e o <i>JCC</i> – que são programas cujo objetivo maior é trabalhar o jovem e adolescente quanto ao uso de drogas, levá-los a ter maior consciência, tornar-se um cidadão de bem. São programas desenvolvidos nas escolas”. 4. “Não conheço nenhum programa contra a violência no bairro. Conheço um programa contra violência nas escolas, que se chama <i>PROERD</i>”. 5. “[...] o Programa de Educação e Resistência às Drogas (<i>PROERD</i>)”. 6. “<i>Anjos da Escola</i>”. 7. “Existe o <i>PROERD</i>, desenvolvido nas escolas”.
SOS Ação Mulher Família	<ol style="list-style-type: none"> 1. “<i>SOS Ação Mulher Família</i> de Uberlândia”. 2. “No momento só me recordo da organização não governamental <i>SOS Ação Mulher</i>”.
Vizinhança Solidária	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Aqui no bairro tem um projeto desenvolvido pela Polícia Militar e alguns moradores: <i>Vizinhança Solidária</i>, no qual um vizinho ajuda o outro a vigiar as casas e qualquer desconfiância entra em contato com a PM”. 2. “Sim, <i>Vizinhança Solidária</i>”. 3. “Sim. No fim de ano houve um programa da PM onde você se cadastrava para monitoramento de seu imóvel em caso de viagem”. 4. “<i>Vigilância Solidária</i>”. 5. “Conheço todos. No meu bairro é desenvolvido o programa de <i>Vizinhança Solidária</i>”. 6. “No Guarani, o presidente de bairro se reuniu com a Polícia Militar e implantaram o <i>Vizinhança Solidária</i> e se reúnem com as pessoas no salão da igreja católica. Cada casa que participa desse programa tem uma placa. E a polícia se reúne com as famílias. O intuito é que a vizinhança seja solidária quanto à questão da violência, se protegendo e cuidando também do outro contra roubos, assaltos etc.”.

Desconhece	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Sei que tem, mas no momento eu não me recordo de algum específico”. 2. “Não. Até houve uma tentativa de programa de vizinhança, mas, como a maioria das pessoas trabalha o dia todo, elas se fecham nos seus muros”. 3. “Segurança no bairro ou algo parecido”.
Não cita o nome	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Há no bairro um projeto de combate ao vandalismo, tráfico de drogas e furtos, porém, a população desses pontos estratégicos não reconhece esse trabalho devido ao número reduzido de viaturas e seus horários de atuação; dessa forma, não se sente bem assistida, assim como não percebe a ação efetiva da polícia”. 2. “De forma ocasional, são divulgadas propagandas de prevenção, como cuidados com a bolsa, não reagir diante de abordagem de meliantes, dentre outras dicas”. 3. “Em Uberlândia, a PM faz várias campanhas e tem alguns projetos em escolas de inibição do crime e violência, mas eu não conheço pessoalmente”. 4. “Sim, eu já vi uma plaquinha no muro da casa de alguém aqui do meu bairro e lá do Morada Nova também. É um programa da Polícia Militar, mas eu esqueci o nome...”.

Organização: Santos (2012).

Com o intuito de conhecer a opinião da população acerca das estratégias que poderiam ser implantadas para minimizar a criminalidade violenta na cidade, perguntou-se: *o que poderia ser feito para diminuir a violência no seu bairro e em Uberlândia?* Percebeu-se, de forma geral, que os entrevistados se sentiram mais à vontade para responder a essa questão. A partir da análise das respostas, estabeleceram-se dez categorias, que se relacionaram a aspectos religiosos, combate ao tráfico de drogas e à violência, melhoramento do aspecto ambiental, diminuição da impunidade, estabelecimento de políticas e aparatos de segurança pública, implementação de políticas sociais e realização de palestras educativas. Dentre as categorias estabelecidas, destacaram-se duas: a primeira relacionada às políticas de segurança pública, com 45 posicionamentos dos entrevistados a respeito; e a segunda, às políticas sociais, com 22 referências. Às primeiras, filiaram-se elementos como o aparato policial e os programas de reabilitação de usuários de drogas e prevenção à criminalidade violenta; ao segundo grupo, fatores como o melhoramento da infraestrutura urbana (transporte, saneamento, lazer), criação de programas que incentivem o esporte, programas de preparação de jovens para o mercado de trabalho e melhor distribuição de renda. Observa-se, portanto, que a população conhece as carências existentes na cidade e no bairro e sabe relacionar suas consequências (quadro 6).

Quadro 6 – O que poderia ser feito para diminuir a violência no seu bairro e em Uberlândia?

Opinião da população sobre estratégias para diminuir a criminalidade em Uberlândia	
Categorias	Codificação (unidades de registro – frases)
Abordagens diversas	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Acredito que a questão não seria encontrar maneiras de diminuir a violência, e, sim, descobrir a origem da violência. E isso, sabemos, pode estar no uso e tráfico de drogas, nas questões referentes às desigualdades sociais; o próprio sistema capitalista, indiretamente, pode ser um canal de violência, pois o desejo de posse supera a consideração e o respeito que todos nós sabemos que devemos ter pelos semelhantes. Assim, pequenas atitudes, falhas e erros não corrigidos em tempo certo se transformam em problemas maiores de difícil solução. Creio que a própria educação, escolar e da família, são pontes de acesso ao indivíduo, que desde cedo deve ser conscientizado, orientado para que tenha uma conduta solidária e de respeito ao próximo”. 2. “Penso em programas que interajam com associação de bairro, Igreja, comerciantes e Polícia Militar e Civil para que criem programas de segurança solidária, disque-denúncia. Aqui no Taíaman não tem um posto policial”. 3. “Tomar algumas precauções de modo individual”. 4. “[...] talvez divulgar os números das apreensões que foram feitas no bairro. Do tipo: na noite de sábado foram feitas 15 abordagens, e foram apreendidos ‘x’ gramas de maconha, e ‘x’ pessoas foram detidas”. 5. “Sem dúvida, maior participação da comunidade”. 1. “Acho que poderia haver uma colaboração entre vizinhos no sentido de todos estarem em alerta para casos de roubo/furtos, bem como haver denúncia de casos de tráfico/uso de drogas. A polícia poderia realizar mais rondas também”. 6. “Melhorar as relações de vizinhanças, a rua perdeu o valor. Assim não tem como saber que tipo de cidadão mora ao meu lado”.
Aspectos religiosos	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Independente da religião, o essencial é a presença de Deus na família. Assim se aprende a ter fé. E isso faz toda diferença quando chega a hora de lidar com os atos de violência”. 2. “Orar e pedir a Deus pelas pessoas que precisam sentir a proteção de Deus”. 3. “Ter uma religião, ou seja, ser um cristão”.
Combate ao tráfico de drogas e à violência	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] a sensação que tenho é que todos nós sabemos os locais que os protagonistas da violência urbana estão, os pontos de venda de drogas, e até as pessoas que praticam delitos diários; no entanto, os policiais insistem em desfilar pelas avenidas ostentando seus uniformes e intimidando pessoas comuns por motivos banais. O crime organizado, quadrilhas de roubo e tráfico, todos sabem onde ficam, mas ninguém toma nenhuma providência”. 2. “[...] acabar com o tráfico de drogas”. 3. “[...] ação contra o tráfico”. 4. “A polícia tem que estar mais presente nos lugares que todos sabem ser ponto de droga”. 5. “Combate com maior intensidade ao tráfico de drogas, principalmente nos pontos de venda, evitando, dessa forma, que adolescentes se envolvam com essa atividade, bem como com os furtos”. 6. “Conseguir pegar aqueles que fornecem as drogas no bairro; ronda a polícia está fazendo, mas ainda não pegou os culpados”. 7. “Penso que deveria haver uma repressão severa e agressiva, no sentido de reprimir e coibir o tráfico e também qualificar o uso de drogas como crime”.

	<ol style="list-style-type: none"> 8. “Uma atenção mais concentrada no combate ao tráfico de drogas”. 9. “Bom, para diminuir a violência no meu bairro, é necessário que a violência dos outros bairros diminua, já que as pessoas das quais sofremos violência são de outros bairros, sem dúvida”.
Condições físicas do ambiente	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Algumas ruas deveriam ser bem mais iluminadas”. 2. “Melhor iluminação das ruas”. 3. “[...] haver melhoria na iluminação de alguns locais da cidade”. 4. “[...] mais iluminação nas ruas”.
Diminuição da impunidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Fim da sensação de impunidade, por mais profundas que sejam as reformas para que isso ocorra”. 2. “Não só no meu bairro, mas em geral, nos demais, é a punição de fato dos criminosos. Essa medida, com certeza, iria diminuir a incidência e reincidência de criminosos”. 3. “[...] apreensão de ladrões”. 4. “Prender os criminosos”.
Políticas e aparatos de segurança pública	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] aumentar o efetivo policial, equipar melhor os policiais em serviço para uma atuação cada vez mais eficiente”. 2. “[...] com a ajuda da polícia, isso diminuiria 90% da violência em Uberlândia e no nosso país”. 3. “[...] contar com a atuação da segurança pública”. 4. “[...] criação de programas de recuperação dos viciados”. 5. “[...] maior vigilância da PM”. 6. “[...] um policiamento melhor em Uberlândia, que, apesar de ter melhorado muito, ainda não é suficiente”. 7. “A polícia tem que estar mais presente, e não só andando e olhando, mas abordando as pessoas, os comerciantes e pessoas suspeitas”. 8. “A polícia tem usado o artifício do giroflex ligado, mas penso que poderia fazer algumas abordagens”. 9. “Acho que a polícia deveria se envolver mais com a comunidade, desenvolvendo mais trabalhos preventivos”. 10. “Acho que devia aumentar o número de viaturas”. 11. “Acho que já está acontecendo, como guardinha à noite tomando conta das casas, e isso traz segurança, ainda mais para quem chega tarde em casa”. 12. “Acho que já está sendo feita muita coisa, poderiam continuar dando rondas, podendo abranger mais locais, até por bairros que são tidos como mais violentos, e orientar as pessoas, para não darem muitas oportunidades para os bandidos, e fazer alguns programas, tipo de reabilitação e conscientização, para poder diminuir o número de criminosos na cidade”. 13. “Acho que um pouco mais de viaturas passando nas ruas em horários de menos movimento”. 14. “Acho também que a rotatividade dos policiais deveria ser menor, ou seja, os mesmos agentes policiais deveriam fazer a cobertura de determinado local, trazendo mais proximidade da população com a polícia”. 15. “Ações educativas e preventivas de combate à criminalidade”. 16. “Além de aumentar o policiamento ostensivo, trabalhos preventivos realizados a partir das escolas com crianças em situação de risco social, que podem, por falta de exemplo e oportunidade, buscar as ‘facilidades’ da vida do crime”. 17. “Aqui no Taíman não tem um posto policial”. 18. “Aumentar o patrulhamento”.

Políticas e aparatos de segurança pública	<ol style="list-style-type: none"> 19. “Colocar mais policiais nas ruas, câmeras, e a população deveria ser melhor orientada para prevenir a violência”. 20. “Dentre as ações necessárias e pontuais, acho que é necessário aumentar o número de policiais com viaturas nas ruas”. 21. “Deveria haver mais policiais rondando nas ruas”. 22. “Disponibilizar maior número de postos policiais, bem como colocar mais policiais para realizar a ronda na cidade e punir efetivamente os criminosos”. 23. “Em cada bairro deveria ter um posto policial, com rondas frequentes em todos os bairros da cidade”. 24. “Eu creio em um futuro melhor para todos; espero que as autoridades de Uberlândia possam criar mais programas de prevenção contra a violência, que possam ter mais policiais combatendo os crimes de forma preventiva e ativa, e que as pessoas pudessem ter mais sensibilidade com o seu próximo, onde todos esses resultados positivos pudessem alcançar não somente o meu bairro, mas toda a cidade de Uberlândia e região”. 25. “Construir um posto policial”. 26. “Fechamento de bares, casas noturnas etc. depois de meia-noite”. 27. “Maior contingente policial e mais seriedade da polícia. Nem sempre somos atendidos com presteza e agilidade. A impressão que se tem é que a PM aparece mais para multar carros com documentos atrasados em blitz do que garantir a segurança da população”. 28. “Mais polícia nas ruas”. 29. “Mais policiamento”. 30. “Medidas também precisam ser adotadas para melhorar as condições de segurança das nossas ruas, aumentando a vigilância, o policiamento e os cuidados individuais que cada um precisa ter”. 31. “Melhorar a iluminação e o patrulhamento na saída dos bairros, com a instalação de postos fixos da polícia”. 32. “O poder público deveria desenvolver programas de recuperação de viciados e programas sociais com crianças e adolescentes para evitar que eles permaneçam nas ruas e tenham contato com drogas”. 33. “Penso em programas que interajam com associação de bairro, Igreja, comerciantes e Polícia Militar e Civil, para que criem programas de segurança solidária, disque-denúncia”.
Políticas públicas e sociais	<ol style="list-style-type: none"> 1. “E, para diminuir a violência de forma geral, é necessário tirar as nossas crianças das ruas, é necessário dar a elas oportunidades de estudo e aprendizado, uma vez que o que gera a violência são as drogas, e, se as crianças forem afastadas das ruas, elas serão afastadas das drogas, o que, consequentemente, fará com que a violência diminua”. 2. “Diminuir a desigualdade social e oportunizar lazer e cultura”. 3. “1 – Investimentos em áreas de urbanização, com maiores opções de vias de acesso ao bairro, opção de horário de transporte coletivo estendido após a meia-noite, do centro da cidade ao bairro e vice-versa; 2 – Investimentos em saneamento básico com escoamento da água pluvial nas vias de acesso ao bairro (a precariedade nisso facilita a ação de vandalismo e crimes); 3 – Investimento na área de lazer e entretenimento; mesmo possuindo o poliesportivo do Parque Santa Luzia, existe pouco uso desses espaços. Outra opção é o Sesi Gravatás, que não é acessível a todos os interessados. A presença do parque de exposição não oferece acessibilidade à comunidade local, devido aos custos elevados dos shows. Não há espaços para caminhada etc., e, dessa forma, restam apenas os bares, pizzeria etc.”. 4. “[...] programas educativos e ocupacionais para as pessoas, criação de áreas de entretenimento para adolescentes e para crianças”.

<p>Políticas públicas e sociais</p>	<ol style="list-style-type: none"> 5. “[...] educação de qualidade”. 6. “[...] incentivo a programas sociais ligados a esportes e informática para jovens de baixa renda, dentre outros”. 7. “Deveriam existir também mais programas que preparem os jovens para o mercado de trabalho e mais incentivo às empresas para que contratem esses jovens e também invistam em sua formação”. 8. “Incentivo à prática de esportes”. 9. “[...] um trabalho digno”. 10. “Educação é primordial”. 11. “[...] ação de políticas educacionais que abranjam os alunos o dia todo, oferecendo ensino de qualidade, esporte para a descoberta de valores, lazer e, principalmente, ensino profissionalizante, o ensino da ética e da moral, tendo professores capacitados a serem modelos principais e fiéis guardadores desses modelos e uma remuneração digna de sua responsabilidade, senão a mais excelente, mas com certeza está entre elas”. 12. “Penso que o problema é estrutural, visto que é decorrente de questões maiores, como a má-distribuição de renda, desemprego e drogas. Em relação à segurança pública, acho que há muito a ser feito”. 13. “Programas sociais, como retiradas de crianças da rua, as escolas e a sociedade se envolvendo mais, escolas protegidas pela polícia, pois existe uma evasão escolar por causa da violência e das drogas dentro das escolas”. 14. “[...] realização de programas de educação continuada junto à comunidade, a fim de diminuir o índice de criminalidade, combatendo os marginais e também educando a população. Salientando que condições básicas de educação, saúde, moradia e trabalho são requisitos fundamentais para a diminuir a violência no bairro”. 15. “Em relação à cidade, acho que uma política educacional e cultural mais ampla, com mais atividades culturais e esportivas nos bairros, deveria ajudar bastante. O uso de mais inteligência na polícia poderia prevenir mais crimes. Uma melhoria social geral no país deveria também melhorar a situação de violência na cidade”. 16. “Acho que uma política educacional e cultural mais ampla, com mais atividades culturais e esportivas nos bairros deveria ajudar bastante”. 17. “Uma melhoria social geral no país deveria também melhorar a situação de violência na cidade”. 18. “O problema, aqui ou em qualquer lugar, seria resolvido com educação em todas as suas variáveis”. 19. “Creches e escolas de período integral, acredito que seriam um grande passo. Recuperar praças que hoje estão abandonadas para a prática de lazer. Acredito que a saída está na educação, no esporte e no lazer”. 20. “A educação é o jeito mais rápido para acabar com a violência, isso em nível de Brasil; é necessário que cada um tenha consciência dos próprios atos”. 21. “Acredito que a ocupação profissional, escolar e lazer é um começo, mas a ruína do império da violência exige o empenho de cada indivíduo”.
-------------------------------------	---

Palestras educativas	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] poderia ter mais programas educativos, culturais, entre outros, para as crianças não ficarem tanto na rua, porquanto serão os cidadãos do futuro e para os que já estão aí, que sejam punidos com mais rigor”. 2. “[...] reuniões para orientação de como prevenir roubos”. 3. “Acho que poderiam ser oferecidas palestras aos moradores de como proceder em alguns casos de ocorrências”. 4. “Educadores fazendo palestras nos bairros, praças e colégio”. 5. “Ter palestras de prevenção a assaltos”.
Relações familiares	<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] ajuste dos laços com sua família. Tem de dar carinho, dialogar, investir no bem-estar emocional de quem mora com você. É nesse ambiente que se consolidam valores morais. Também é em casa que o ser humano começa sua relação com Deus”. 2. “[...] bom começar dentro dos lares, ocorrendo uma harmonia entre filhos e pais. Pais tendo condições de sustentarem suas famílias, filhos podendo ter uma educação de qualidade, porque assim eles terão um caráter reflexivo, podendo pensar sobre suas ações. Diante disso, é interessante que os órgãos de segurança pública estejam atentos não só na teoria, mas na praticidade e agindo conforme a necessidade de cada local”. 3. “[...] reestruturação das famílias”. 4. “[...] uma família estruturada”. 5. “Acredito que a violência começa na família, então, esta deveria ser melhor orientada, os pais deveriam lidar melhor com seus filhos, dar-lhes atenção, educação, presença e exemplos bons. Infelizmente, as crianças estão crescendo sem rumo”. 6. “Não só em meu bairro, mas no mundo. Acho que tudo é muito mais que fazer uma reunião e discutir fatos que ocorrem no momento, trazendo assim soluções só imediatas. O trabalho deve começar a ser feito nas famílias; quando se tem uma boa estrutura familiar, você tem boas pessoas. Então, de nada adianta resolver o momento, temos que fazer para termos segurança em longo prazo”. 7. “O problema começa na educação dos indivíduos que cometem tais atos, ou seja, a solução ou prevenção tem que começar quando está sendo formado o cidadão”. 8. “O trabalho deve começar a ser feito nas famílias; quando se tem uma boa estrutura familiar, você tem boas pessoas. Então, de nada adianta resolver o momento, temos que fazer para termos segurança em longo prazo”.
Não há necessidade de intervenção	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Acho que a situação em meu bairro está boa”. 2. “Não há índice de violência que necessite de um programa”.

Organização: Santos (2012).

A análise das entrevistas permitiu concluir que, para os moradores de Uberlândia, a violência é um fenômeno presente em toda a cidade, com mais intensidade em alguns bairros, e os fatores determinantes para seu agravamento estão condicionados, sobretudo, à presença ou ausência de elementos específicos, como as condições do espaço (iluminação, terrenos baldios, lugares ermos), e à escassez e/ou ineficiência das políticas públicas sociais e de segurança (aparato policial, patrulhamento, punição de infratores, prevenção da violência, educação, trabalho, desigualdades sociais, dentre

outros). O medo, por sua vez, é apresentado como a principal consequência da criminalidade violenta. Medo este que priva a liberdade de sair de casa e de circular pela cidade, especialmente à noite e em locais pouco movimentados. Medo de deixar a casa sozinha e tê-la assaltada. Medo que provoca traumas e aprisiona os moradores, sobretudo por temerem transitar por locais considerados violentos, como perto de rios, córregos, rodovias e pontos específicos do bairro, nos quais se percebe uma atuação maior dos criminosos:

Mais na parte de trás do bairro, onde faz limite com um bairro mais violento, o bairro Canaã (entrevistado do bairro Jardim das Palmeiras).

[...] tem um lugar chamado ‘antiga favelinha’, dizem que lá é perigoso, por isso nunca fui (entrevistado do bairro Tibery).

[...] Existe um ‘cantinho do bairro’ (perto do Estádio Airton Borges) que se fala que é o reduto das drogas. Nesse lugar, evitamos passar (entrevistado do bairro Tibery).

Tenho medo de andar nas ruas mais afastadas da minha casa, mais ao fundo do bairro, em horários muito tardios. Se bem que, mesmo próximo à minha rua, já fui abordada por um mau elemento (entrevistada do bairro Jardim das Palmeiras).

Já a insegurança é um fator relacionado principalmente à violência percebida no bairro e atua, também, como um elemento intensificador do medo. Para os entrevistados, essa insegurança se intensifica com a pouca atuação e/ou ineficiência da segurança pública local (patrulhamento em locais considerados violentos no bairro e atuação em horários mais críticos, como a noite e a madrugada). A segurança pública, portanto, não é o principal elemento que leva o morador a gostar do bairro em que mora, e sim a afetividade para com os vizinhos, a família e o lugar, bem como os fatores locacionais (proximidade do trabalho, da família, do comércio, das áreas de lazer, dentre outros).

Como forma de minimizar os efeitos negativos causados pela violência, a população sugeriu que fossem estabelecidas políticas públicas sociais e de segurança nos locais mais necessitados. Dentre as políticas sociais, estão aquelas voltadas à educação, à minimização das desigualdades sociais e à inclusão social da população desprovida de direitos constituídos por lei – saúde, lazer e trabalho –, conforme apresenta a Constituição Federal Brasileira de 1988. Sobre isso, as falas de dois moradores representam muito bem o que deve ser feito pelo poder público para prevenir a violência:

Investimentos em áreas de urbanização, com maiores opções de vias de acesso ao bairro, opção de horário de transporte coletivo estendido após a meia-noite, do centro da cidade ao bairro e vice-versa; investimentos em saneamento básico, com escoamento da água pluvial nas vias de acesso ao bairro (a precariedade destes facilita a ação de vandalismo e crimes); e investimento na área de lazer e entretenimento [...] (entrevistado do bairro Granada).

[...] criação de programas de recuperação dos viciados e reestruturação das famílias; criação de políticas educacionais que abranjam os alunos o dia todo, oferecendo ensino de qualidade, esporte para a descoberta de valores, lazer e, principalmente, ensino profissionalizante, o ensino da ética e da moral, tendo professores capacitados a serem modelos principais e fiéis guardadores desses modelos e uma remuneração digna de suas responsabilidades [...] (entrevistado do bairro Planalto).

Quanto às políticas de segurança pública, destacaram-se, principalmente, o policiamento ostensivo, o aumento do efetivo policial, a construção de postos da polícia militar, o estabelecimento de programas de recuperação de usuários de drogas e o combate ao tráfico de drogas:

Poderia se investir mais no policiamento do bairro (aumentando as viaturas), bem como na realização de programas de educação continuada junto à comunidade, a fim de diminuir o índice de criminalidade, combatendo os marginais e também educando a população. Salientando que condições básicas de educação, saúde, moradia e trabalho são requisitos fundamentais para diminuir a violência no bairro (entrevistado do bairro Saraiva).

Combate com maior intensidade ao tráfico de drogas, principalmente nos pontos de venda, evitando que adolescentes se envolvam com essa atividade, bem como com os furtos. Programas de prevenção da violência são ótimas alternativas, mas é necessário que a própria população tenha conhecimento desses programas para que estes possam funcionar com mais efetividade (entrevistado do bairro Brasil).

É importante ressaltar que as políticas de segurança pública foram mais citadas pelos entrevistados dos setores oeste e sul, os mais violentos de Uberlândia. Verifica-se, portanto, que a população percebe a violência no local, bem como sua gravidade, o que a leva a propor ações de combate à criminalidade, como o patrulhamento ostensivo e o aumento do efetivo policial. As políticas sociais, também citadas com intensidade pelos entrevistados dos referidos setores, atuariam como medidas de prevenção primária e secundária, direcionadas, respectivamente, às carências estruturais e à redução dos fatores sociais e econômicos que propiciam a ocorrência de ações criminosas.

A análise das entrevistas permitiu verificar uma relação direta entre a situação da violência revelada pelas estatísticas em Uberlândia e a percepção da população acerca disso. Os entrevistados que moram em bairros em que a violência se apresentou elevada no período de 1999 a 2010 foram unânimes em afirmar a ocorrência de atos violentos, como roubos, homicídios, tráfico de drogas, dentre outros. Por outro lado, o medo e a insegurança dos moradores se revelaram não só como elementos intrínsecos à realidade da violência local, mas também como fenômenos ligados à violência imaginada, já que os entrevistados de alguns bairros menos violentos da cidade apresentaram sua tensão frente à violência e à ausência de segurança, apesar de as estatísticas oficiais não destacarem o bairro como um ponto de risco à vitimização por violência.

Considerações finais

A análise de conteúdo das entrevistas objetivou compreender a existência da sensação de insegurança e do medo da população diante da violência, real ou imaginada, e as propostas apresentadas por ela para minimizar o efeito negativo desses atos. As principais razões apresentadas pelos moradores para o medo de se tornar vítima da violência foram a própria vitimização de pessoas próximas, como amigos, vizinhos, parentes e familiares; circunstâncias adversas; e a presença ou ausência de elementos físicos no bairro.

Uma hipótese, que se estabeleceu *a priori* e se sustentou após a análise de conteúdo das entrevistas, diz respeito à insegurança e ao medo da população quanto ao fenômeno da violência em alguns bairros de Uberlândia. Percebeu-se a sensação de impotência e coação frente à violência no discurso dos moradores, apesar de, em seu local de moradia, esses atos serem caracterizados como um elemento fundamentado no imaginário deles, ou seja, de não ser comprovada estatisticamente pelos órgãos oficiais a presença fundada e incisiva de atos violentos no bairro. Também verificou-se que, embora haja, nos bairros, a presença de postos policiais e de outros órgãos destinados à segurança pública, a população de alguns deles declarou sentir-se insegura diante da violência. A presença da Polícia Militar, por meio do trabalho ostensivo nas ruas, as chamadas “rondas”, é o principal elemento utilizado pelos moradores para caracterizar o local como seguro ou não, do ponto de vista institucional.

As sondagens de opinião são importantes nesse tipo de estudo, pois permitem elaborar um quadro acerca da percepção da insegurança e do medo dos grupos que mais se sentem ameaçados. Juntamente com levantamentos quantitativos, podem revelar diversas possibilidades de intervenção, com vistas a minimizar seus efeitos sobre as populações.

Referências

- ALEXANDRE, Marcus. "Representação social: uma genealogia do conceito". *Comum*, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2004, v. 10, n. 23, pp. 128-38.
- ALMEIDA, Luciana Ferreira de. *Representações sociais de violência urbana para policiais civis da cidade de Recife* (dissertação). UFPE, 2011, 140 p.
- ARENDT, Hannah. *Da violência*. Brasília: Ed. UnB, 1985, 67 p.
- BAIERL, Luzia Fátima. *Medo social: da violência visível ao invisível da violência*. São Paulo: Cortez, 2004, 224 p.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011, 279 p.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/EDUSP, 2003, 399 p.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. "Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde". *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, set.-out. 2004, v. 57, n. 5, pp. 611-4.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2007, 157 p.
- ESTEVES, Alina Isabel Pereira. *A criminalidade na cidade de Lisboa: a geografia da insegurança*. Lisboa: Edições Colibri, 1999, 214 p.
- FELIX, Sueli Andruccioli. "Crime, medo e percepções de insegurança". *Perspectivas*, São Paulo, jul.-dez. 2009, v. 36, pp. 155-73.
- FRANCISCO FILHO, Lauro Luiz. *Distribuição espacial da violência em Campinas: uma análise por geoprocessamento* (tese). UFRJ, 2004, 170 p.
- FRANCO, Maria Laura Publi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- HOLSTI, Ole R. *Análise de conteúdo para as ciências sociais e humanas*. Massachusetts: Addison-Wesley, 1969, 240 p.
- KRUG, Etienne G. et al. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: OMS, 2002, 380 p.
- LEFÈVRE, Fernando e LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. "O sujeito coletivo que fala". *Revista Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, jul.-dez. 2006, v. 10, n. 20, pp. 517-24.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989, 116 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1999, 269 p.
- . "A violência dramatiza causas". *Violência sob o olhar da saúde pública: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003, pp. 23-47.
- . "Violência: um problema para a saúde dos brasileiros". In BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília, 2005, pp. 9-42. (Série B. Textos Básicos de Saúde.)
- MISSE, Michel. *Violência: o que foi que aconteceu?* Disponível em <http://www.necvu.ifcs.ufrrj.br/images/1Viol%C3%AAnciaoquefoiqueaconteceu.pdf>. Acesso em 26 set. 2003.
- MORAIS, Régis. *O que é violência urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1990, 113 p.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002, 152 p.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PEDRAZZINI, Yves. *A violência das cidades*. Petrópolis: Vozes, 2006, 188 p.
- RICHARDSON, Roberto J. et al. "Análise de conteúdo". *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1989, pp. 173-98.

- RICO, José Maria e SALAS, Luis. *Inseguridad ciudadana y policia*. Madri: Editorial Tecnos S.A., 1988.
- RONDELLI, Elizabeth. “Imagens da violência e práticas discursivas”. In PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al. (orgs.). *Imagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 144-62.
- SANTOS, Márcia Andréia Ferreira. *Criminalidade violenta e contradições socioespaciais na cidade de Uberlândia/MG* (tese). UFU, 2012, 421 p.
- SMITH, Susan Jane. “Fear of crime: beyond a geography of deviance”. *Progress in Human Geography*, Londres, 1987, v. 38, n. 5-6, pp. 899-91.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, 288 p.
- TURATO, Egberto Ribeiro. “Decidindo quais indivíduos estudar”. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 351-68.